

NATALIA BORGES POLESSO

A extinção das abelhas



Pessoas

As pessoas vão embora, e isso é uma realidade. Sua mãe vai embora, seu pai vai embora, sua namorada chata vai embora, sua melhor amiga-irmã vai embora, as pessoas que cuidaram de você desde pequena e que você reluta em chamar de família de um jeito ou de outro vão embora, seus vizinhos vão embora.

Você vai embora. Tudo some. Ora dessas morre.

Você sai da vida das pessoas. Desaparece. Não sabe de nada e, quando as vê completamente diferentes do que eram, você acha estranhíssimo. Mas a estranha é você. Também. As pessoas partem para outros lugares. As pessoas escolhem outros caminhos. Ou caminhos por onde você nunca imaginou passar.

Você esbarra em gente perdida. Você está perdida. Você quer ir até o fim, mas não faz nem ideia de como é ter que inventar e forjar uma voz cada vez que abre a boca. Você acha que isso é um direito garantido. Você já tinha pensado a respeito, mas só agora compreendeu alguma coisa. Todo mundo sonha. Todo mundo imagina algum futuro. É mais comum do que imaginar algum passado, reinventar as perdas, reinventar a terra, o limo das coisas, o mofo, a erosão da matéria, da memória. Você é todo mundo, ainda que tenham te dito que não. E você não é todo mundo. Eu sou qualquer coisa e, se posso sentir algo neste momento, sinto que estou sozinha. Às vezes queria ser

Bicho

Foi muito difícil enterrar Paranoia. Dezesesseis anos, e eu tive que fazer tudo sozinha. Como sempre. Achei estranho que ela não tivesse aparecido correndo e balançando o rabo branco pra comer a comida, mas não me preocupei muito. Gato tem dessas. Deixei tudo lá e fui pra cama. Acordei e vi o leite e a ração intocados. Botei a ração de volta no saco e sacudi bastante, pra fazer barulho. Nada. Achei que ela pudesse estar presa dentro de algum armário. É claro que as catástrofes passavam lateralmente pelos meus olhos. Como sempre. Mas tentei me apegar ao pensamento de que gatos são assim, têm essa mania de entrar em armários, gavetas, caixas, cabines, e às vezes acabam presos lá dentro. Meu coração deu uma falhada daquelas. Como sempre. Acendi um cigarro pra abafar também essa catástrofe.

Não precisei andar muito. Paranoia estava debaixo de sua cobertinha no sofá. Olhos semiabertos. Imóvel. O cigarro caiu da minha boca. Tentei agarrá-lo, mas a boca era de choro. Eu sonho com incêndios, com fogo e destruição. Acordo e não lembro se sonhei ou se aquilo é o passado. Talvez seja um futuro. Eu não sei. Quando eu era pequena, a casa aqui da frente queimou. Ficaram gritando que tinha gente dentro, mas nem tinha. A família toda achou que o avô bêbado estivesse dormindo, mas naquela hora ele descia o morro de quatro e olhava pra bola de fogo no fim da rua. Pensou que fosse o fim do mundo. Mas isso não o impediu de continuar bebendo.

Sei lá por quantos dias eu chorei. Não lembro. Lembro que enterrei o bichinho nos fundos de casa. Fiquei deitada na terra um tempão. Na mesma terra que enterrei Paranoia. Na mesma terra. Eu até quis fazer uma oração, mas tava cansada demais. Uma semana depois eu continuava vendo Paranoia passar atrás de um móvel, subir na cama, beber água da pia. Podia até ouvir o bicho arranhando o sofá à noite, rasgando meus lençóis. Não era o bicho, era a imagem do bicho, um borrão, acho. Tipo o que o cigarro fez no chão, o que o fogo fez na casa, uma mancha na paisagem. Uma sensação. Uma falta bem ali. Talvez o desejo de não estar tão desamparada agora,

Mãe,

Eu lembrei daquele dia na represa, sabe? Aquele dia em que fomos eu, tu, o pai, a Eugênia, a Denise. Todo mundo dentro da Kombi, com boia, toalha, guarda-sol, lanche. Tem uma foto. Não sei onde tá. O pai queimou todas as tuas fotos... bem, as nossas fotos. Essa aí a Aline me deu antes de ir embora. Mas eu perdi, acho. Talvez de propósito.

A Aline nem existia. A Aline é a irmã mais nova que eu sempre quis. Alguém com quem me importo, minha família. A filha da Denise e da Eugênia, mas ela foi embora. Pra onde ela foi? Londres. Por quê? Te conto em outra ocasião, não é um assunto nada agradável. Mas, enfim, naquele dia a gente se divertiu muito. Na foto tá todo mundo sorrindo. Eu apareço de lado, com os braços estendidos, esperando alguma coisa, estática. Todo mundo aparece desfocado atrás, menos tu, que tava tirando a foto.

Tu lembra que naquele dia a gente teve que ir embora correndo por causa de um enxame de abelhas? Deixamos meu chinelo para trás. Eu fui pisando nas rosetas e chorando até a Kombi. Eu amava aquele chinelo, era da Mulher-Maravilha. A Denise ficou com o olho inchado por causa de uma picada. Todo mundo rindo da situação, enquanto a Eugênia dirigia e fumava, preocupada. A Eugênia tinha cheiro de cigarro, um cheiro azedo. Sabia que ela não fuma mais? Depois a gente foi comer na casa delas. E ficamos até tarde. Eu lembro porque eu tava com sono, mas tava todo mundo

bêbado, cantando, fumando maconha. Eu sabia que não era o cigarro fedido. Era o cheiroso, daquele eu gostava. Mas hoje fumo só o fedido mesmo. Eu tava com sono, mas animada. Sabe que depois que o pai morreu — é, o pai morreu — foi a Denise e a Eugênia que me sobraram pra ser família? Quer dizer, elas já eram antes de o pai morrer. Tu sabe que eu vou fazer quarenta anos? Não parece, né? Mas sou hipertensa e diabética. Isso são os novos quarenta. As pessoas dizem que eu devia parar de fumar, parar de beber, manear na gordura, no pão branco, no açúcar, mas como é que se faz isso? Tenho vontade de matar alguém se eu não beber, se eu não fumar, se eu não comer pão nem doce, se eu não foder. Desculpa, mãe. Mas, enfim, dizem que não parece que eu tenho a idade que tenho. Vai ver são meus chás e meus mantras internos. Na real, eu não sei bem o que essa frase quer dizer.

Eu só sei que um monte de coisas faz sentido e outro monte de coisas não faz. E que tenho preguiça de conversar com as pessoas. E que eu separo os acordos da vida desse jeito agora, e aceito que assim sejam. Compreendidos e incompreendidos. É a minha reza. E separo com um gesto de mão. Acho que essa é a diferença que vem com a idade. Claro que a gente sabe mais, mas a gente aceita muito melhor não saber. E aceita que algumas coisas mudam e que outras não mudam nem a pau e que não há nada que tu possa fazer. Só ter paciência. Eu aprendi a ter paciência. Não passividade. Paciência. Um tanto de resignação. Por mim, pra mim, comigo. Depois com os outros.

Por exemplo, eu tenho muita vontade de te mandar tomar no cu, mãe, mas, como eu nem sei se tu tá viva ou morta, eu deixo pra lá. Paciência. É outra reza minha. Sabia que nunca consegui decorar uma oração? A Denise que me perguntou se eu queria fazer a primeira comunhão. Eu disse que não, porque não queria

incomodar. Aí ela me ensinou a rezar o santo anjo do senhor, senhor? Meu zeloso guardador? O que é isso? Seati me confiou? Quem é Seati? A piedade divina. Piedade divina? Sabia que não tem mais abelha agora por aqui? Quer dizer, tem, mas é raro, quase não se vê. Não pode matar em hipótese alguma. E eu lembro que naquele dia matamos umas quantas. O pai enrolou alguma coisa, uma esteira, uma revista. E saiu batendo e matando. Jogaram uma toalha em cima de mim. Eu não conseguia ver. Só fui arrastada pela mão. Por ti ou pelo pai. Sei lá. Era bom quando alguém te levava pela mão. Pois é. Não pode mais. Não pode mais matar abelha.

Avisaram que isso aconteceria, a gente ficou com medo, por causa da polinização, da vegetação, de toda a cadeia alimentar, mas o governo, a Agrotech, toda aquela cambada disse que estava tudo “sob controle”, que havia “outros meios” e que a função da tecnologia era “superar a natureza” e que já estava em fase de implementação uma nova técnica de polinização. Sim, essas foram as declarações. Vai saber. Se estão fazendo, não tá chegando pra todo mundo. O que chega é podre de veneno. E o que não tem veneno é só podre ou caro. Não tem mais semente também. Quer dizer, tem, mas não em tudo. Tem abelha onde tu tá? E semente? Onde tu tá, caralha? Aí tu também ouve a palavra colapso todos os dias? Eu saí das redes sociais. Nunca gostei muito, e não dava mais, mesmo que eu tivesse esperança de um dia tu escrever meu nome completo na busca e me encontrar e me mandar uma mensagem, quem sabe, né, um feliz aniversário, um gif. Mesmo assim, mesmo tendo levado essa esperançazinha por um bom tempo, eu saí. Que bom que tu não tá aqui. Na real, o Brasil tá uma

Merda

Dona Norma fedia. Achei a velhinha sentada no meio-fio, escorada em um monte de sacos, e perguntei o que tinha acontecido. Ela me respondeu meio sem jeito, meio sem saber direito o que estava acontecendo, que não conseguiu juntar forças pra carregar tudo.

— Cadê os guris que te ajudam?

— Ai, filha, eles saíram da cooperativa, apareceu pra eles coisa melhor do que ficar no lixo.

— O quê?

— Trabalhar nas porta, sabe? Nas cabine da rua, junto das cerca. Essas aí.

Claro que eu sabia. Como vinha acontecendo cada vez mais, empresas de segurança público-privadas estavam fechando ruas e impedindo o acesso. Os moradores também vinham se organizando com segurança. Alguns bairros tinham guaritas e estavam virando quase condomínios fechados, com muros, portões, cercas, câmeras e algum planejamento cínico, outros tinham apenas barricadas. Alguns ficavam entre uma coisa e outra. E em todos eles tinha gente pra supostamente controlar a entrada e a saída das pessoas e interpelar qualquer suspeito. Oficial ou extraoficialmente.

— Eles fizeram treino, ganharam roupa e até arma.

— Arma? E a senhora acha o que disso?

— Acho que a gente tem que se proteger.

— Do quê?

— Dos bandidos.

— Quais bandidos, dona Norma?

— Esses marginal tudo. Tu viu que o presidente mandou construir um monte de prisão de trabalho?

Não respondi. Dona Norma não sabia que os guris eram e sempre seriam vistos como bandidos, com ou sem arma, independente de serem boas pessoas ou não. Quem sabe um uniforme ajudasse, mas no momento em que tirassem a casca da corporação a palavra “bandido” cairia de novo sobre eles, como o selo de uma categoria. Era triste e trágico ouvir aquilo de uma velha que trabalhava numa cooperativa de reciclagem pra ganhar uns trocados que mal davam pra comprar comida. Eu preferiria não ter que olhar pra ela toda vez que passava, assim como muitos faziam, mas dona Norma lembrava muito a minha vó com aquela cara enrugada. A vó que morreu sem que eu pudesse ao menos me despedir. Essa semelhança foi o que me levou a um dia separar latinhas, no outro perguntar o nome dela, no seguinte ajudar com as compras, puxar uma conversa, e assim por diante, já faz anos.

— Tu viu que o presidente disse que vai arrumar a casa de todo mundo que precisa? E vai ajudar todo mundo a empreender. Tu não escreve uma carta pra mim, Regina? Carta, não, né, um e-mail. Tu escreve um e-mail pedindo pra ele me ajudar a ser empreendedora do lixo? Imagina se ele me ajuda logo? Aí vai ser bom!

— A senhora acha que ele vai conseguir ajudar todas as pessoas, ler todos os e-mails?

— No programa, quando ele tinha o programa lá, ele fazia. Ele ajudou uma mulher aqui da cidade uma vez, a que tinha uma escolinha pras criança.

— É?

— É! Mas depois ela teve que vender os trailer e os computadores, disseram que ficou até louca, coitada.

— Mas foi uma pessoa só aqui da cidade? A senhora acha que ele vai arrumar a casa de todo mundo que precisa? Acha que ele vai conseguir?

— Ah, mas é que também tem que se esforçar pra conseguir. Ele não pode fazer tudo sozinho, a pessoa tem que se ajudar.

— Como?

— Trabalhando! As pessoas têm que ser direitas, boas, trabalhadoras, ele só ajuda gente que merece. Não ajuda bandido, desocupado. Por isso que eu não posso parar, por isso que eu tenho que continuar — ela tentava se levantar e pegar os sacos, sem sucesso — a fazer minhas coisa. E no e-mail, Regina, tu escreve que eu sou trabalhadora! E escreve que eu vou na igreja! Escreve que eu tenho força de vontade... e gratidão! Que ele disse que é importante ter gratidão. Daí tu escreve tudo isso e o que mais tu achar que vai ser bom. Mas, antes de mandar, tu lê pra mim!

— Eu ajudo a senhora a levar as sacolas.

— Tá, filha, mas não vai machucar as costa. Eu tinha uma comadre que não podia com muito peso, já sofria pra carregar as carne. Mas era preguiçosa.

— A senhora acha que eu sou preguiçosa?

— Ah, a pessoa às vezes é preguiçosa.

— Mas eu tô aqui ajudando a senhora, não tô?

— Tá, mas não é todo mundo.

Eu fiz cara de nada. Deixei passar. Era a dona Norma. Estava delirando de velha, coitada.

— Quantos anos a senhora tem, por curiosidade? Nunca perguntei.

— Ih, eu nem sei mais. Muitos. Quando eu nasci, o mundo era muito diferente. A gente achava que tudo ia durar pra sempre. Até os eletrodomésticos. E duravam muito. A comida, o ar fresco, a água. Hoje até o ar vem engarrafado, Regina! Pelo menos isso ajuda a ter mais trabalho pra gente no lixo. Mas eu... ih já tá quase na minha hora, até lá, Deus só dá um bom descanso pra quem trabalha.

— E o presidente também, então?

— Isso! Deus e o presidente!

— Eu levo, eu levo.

— Tá,

Filha

Eu não sei o que fazer, ela não para de se balançar. Fica nervosa e se balança. Fica com medo e se balança. Acha graça, se balança. Não quer fazer alguma coisa, se balança. Parece que é boba.

Tem que tirar isso no chinelo, comadre.

Já falei que é feio. Daqui a pouco fica moça. Não pode ficar boba pra sempre.

Eu, hein, coisa estranha, leva na benzedeira, às vezes é quebranto.

Mãe, tu pode me dar uma conga nova? Porque tão rindo de mim, que essa tá furada.

Tá boa. Dá pra arrumar.

Sim, eu sei. Mas tão dizendo que eu sou pobre porque minha conga tá furada.

Tá vendo esse teto em cima da tua cabeça? E essas paredes ao teu redor? São nossas. Se fosse pobre não tinha casa. Teu pai e eu chegamos aqui e construímos essas paredes, o teto, botamos coisa dentro. Agora é nossa.

Mas nossa casa é feia. Ninguém vem aqui porque é feia.

Quem que tá te dizendo essas coisas?

A criança fica quieta. Começa a se balançar e a mexer na gola da camiseta.

Para de se sacudir e de esmangolar a roupa. Depois sim é que vai feia pra escola. Aí vão ter motivo pra rir de ti.

Comadre, quer que eu leve ali na lombaa, onde tem a benzedeira?

Leva, sim, pelo amor de Deus, vou arrumar ela e tu leva agora, pode ser? Eu tô com feijão no fogo, e ai que me dá agonia ver ela assim.

Levo, sim.

Será que resolve mesmo?

Não custa tentar, comadre, eu já fui e ela me tirou uma dor com a mão, parecia mágica.

Então leva,

Deus lhe pague

No dia que anunciaram o colapsômetro como “medida de proteção e segurança planetária”, eu ri e chorei. Montaram um circo em Davos, a gente acompanhou pelas redes. Todos os palhaços, doidos e leões decrépitos que mandavam no mundo estavam lá. Sem mágicos, no entanto. Ninguém tiraria da lapela uma solução. Sem equilibristas. Ninguém ponderou prós e contras com os números sistematicamente apresentados pelas pesquisas. Nem faquires. Ninguém estaria disposto a se deitar em chão duro ou engolir o metal que a gente sentia na garganta. Só aquela gente para a qual você tem nojo de olhar. Gente de terno com tecido liso e sapato lustro. A mulher sueca foi proibida de pisar na cidade. Fez greve de fome e um pronunciamento on-line. Derrubaram. Seguiram com a transmissão oficial.

Demorou um pouco porque as coisas ficaram meio enroladas, literalmente. Tiveram que arrancar o pano de cima do que parecia ser um enorme termômetro, que marcava a “temperatura” de vários índices em vários lugares do mundo. Os limites tinham que ser respeitados por todos. Ou o país, ou determinadas regiões do país, sofreriam sanções e algumas zonas seriam fechadas. Disseram que a obra era de um artista importante cujo nome eu nunca tinha ouvido.

Eu fiquei pensando que os acordos, escritos em papel, com carimbos e assinaturas, não funcionavam mais. Que os discursos embaçados e os debates salutares não funcionavam mais. Estávamos

mesmo na era do espetáculo de circo, na coisa material óbvia e redundante, só palavras não davam conta. Era preciso construir monumentos esquisitíssimos, com nomes ridículos e em algumas línguas impronunciáveis, para que as pessoas acreditassem nas palavras, nas promessas. Nos indicadores reais das coisas do mundo: os preços, as faltas, as mortes. A percepção de que as coisas estavam diferentes. Mas tinham banido relatórios e pesquisas dos debates oficiais. As previsões tinham desanimado as populações. E *isso* era muito ruim. A sensação de desânimo. Não se podia aventar dados de uma catástrofe potencial. Aí já era demais. O melhor era anunciá-la com um termômetro, fechamentos e pirotecnia. Isso gerava segurança. Afinal, todos poderiam acompanhar no aplicativo.

Eu tinha combinado de ir ao cinema com a Paula, uma coisa banal, um pequeno alento. Mas a primeira coisa que ela disse quando me viu foi que, se as abelhas entrassem mesmo em extinção, o mundo ia acabar. As abelhas eram um dos principais índices que o colapsômetro contabilizava. Não contabilizaram temperaturas nem o derretimento das geleiras, apesar de terem apresentado um “termômetro”. Eu disse a ela que o mundo não acabaria. Não era uma afirmação otimista. Ela disse que eu tinha razão. O mundo, a terra, o universo, tudo isso levaria uma eternidade para se extinguir. E talvez a causa de sua extinção fosse um buraco negro, um asteroide em rota de colisão, um campo magnético intruso, mas a gente, a raça humana, essa, sim, terminaria. Eu soprei a fumaça e disse: que bom.

— Tem que acabar a humanidade, estamos empesteados. Olha a merda que a gente fez. Reseta.

— O que adianta tu ler tanto e ser essa pessoa-cu, Regina?

— Eu? Pessoa-cu? Que merda é isso?

— Alguém cuja única projeção é bosta e fedor.

— Não sou assim.

Eu era meio assim.

— Não é todo mundo que tá empestado, como tu disse, e tu sabe. Tem gente que nunca quis acabar com isso aqui. O problema é que ninguém ouve essas pessoas.

— Eu sei. Eu só tô... — Nem pude terminar.

— Me conta um plano teu. Pra antes do colapsômetro fundir.

Revirei todos os recantos da minha cabeça, varri meu peito para ver se encontrava alguma poeira de desejo. A primeira coisa em que pensei foi emagrecer. Não era consciente. Era uma resposta mecânica que há anos eu vinha tentando desconstruir. Joguei na caixa. Pensei em me tratar bem. Mas não disse isso.

— Eu quero fazer alguma coisa da vida, começar uma atividade nova, viajar.

— Sério. Isso é bom. O que e pra onde?

— Não sei ainda da atividade... mas quero viajar. Eu nunca saí daqui, né, Paula, nunca saí do país. No máximo fui pra Curitiba, a trabalho.

— Europa? Estados Unidos?

— Talvez... talvez algum lugar na América Latina. Colômbia, México, ou outra coisa totalmente diferente, tipo...

— Japão?

— Eu tava mais pensando em Salvador, mas Japão também é uma.

A Paula se sentou do meu lado, na muretinha atrás da casa, que era onde eu sempre fumava, e me contou que tinha sido demitida pela universidade.

— Mas como?

— Assim... demitida. Tchau. Deus lhe pague. Eu já esperava. Tá todo mundo sempre esperando. Há tempos tem um rumor de ameaça que nosso centro não dá lucro. Tu sabe das reestruturações, né? Centro tecnológico de linguagens, blá-blá-blá. É tudo empresa

de tecnologia e técnico de aplicação agora. E o que eles chamam de retorno social direto — ela disse aquelas palavras revirando os olhos — é nada. Então, a gente não tem mais serventia. Recentemente, eu vi na grade uma matéria sobre tipos de abordagens virtuais e outra sobre regras da comunicação on-line. Eu não sei dar esse tipo de coisa. Pra isso eles chamam palestrantes externos, que cobram os olhos da cara pra dizer um monte de abobrinha. As reformas foram uma merda, Regina. Não tem mais aluno pra gente.

— Sinto muito.

— Não conseguem enxergar nem o lado prático das Humanas, o que dizer do nosso trabalho simbólico? Só tem que fazer prédio e ponte. E vender serviços.

— Mas e o desejo de atravessar a ponte? Eles vão tirar da onde?

— Sei lá se eles sabem o que é atravessar. Não sei se é só culpa deles ou desse mundo que a gente não consegue mudar.

— Acho que os dois.

— Eu nunca imaginei que presenciaria o ocaso da humanidade, Regina.

— O que tu vai fazer?

— Não sei... Não sei mesmo. Talvez me chamem pra fazer uns frilas.

— Frilas?

— Foi o que disseram. Imagina eu com sessenta anos tendo que fazer frilas. Que papel! Mas não sei, eu também pensei em ir embora. Faz tempo que venho juntando uma grana pra emergências.

— Como embora? Pra onde?

— Pro mato. Pro interior de algum lugar. Ou de lugar nenhum. Não sei mesmo. Alguma coisa eu vou fazer.

Desde muito ficamos esperando as coisas voltarem ao normal, mas nunca aconteceu. Depois o novo normal ficou velho e nos

acostumamos. A Paula falou brevemente sobre os planos que tinha, e eu não figurava em nenhum cenário. Sempre foi assim. Aparecia do nada e para o nada partia sem dizer qualquer palavra que indicasse um nós. Disse que não queria ir ao cinema, que estava sem clima. Eu só bufei e ela foi embora. Me deu um beijo e foi embora. Falou que ligava mais tarde, que tinha umas coisas para resolver, que precisava abastecer antes que a gasolina terminasse nos postos, porque era fim do mês. Eu tinha escolhido aquela mulher prática para amar. Se é que se escolhe amar. Eu entendia. Entendia o egoísmo dela e o meu. Entendia as vontades dela e as minhas. Mas achava uma merda que fossem tão incomunicáveis.

Fiquei olhando o espaço que eu tinha atrás de casa, que daquele ângulo parecia ainda mais caindo aos pedaços, ali estava uma horta fracassada. Um monte de tijolos enfileirados, os espaços de dentro preenchidos com terra seca e entulho; um latão enferrujado onde eu jogava as bitucas de cigarro; o canto favorito onde Paranoia cagava; e, do outro lado, o canto favorito onde ela cavava um buraco para deitar dentro. De vez em quando, por ali tinha algum bicho morto, um rato ou um passarinho que ela mesma se dava de presente, creio. Tudo isso e o abacateiro subdesenvolvido. Fazia um ano que eu tinha jogado um caroço de abacate por ali. Nasceu, cresceu e estacionou na altura da minha cintura. E assim ficou. Sem crescer, sem dar abacate, como se fosse um mau agouro, um aviso da minha incompetência. Vi Paranoia passar rápido atrás de uns vasos plásticos vazios. O pote de ração continuava cheio. Chamei. Troquei a ração. Fiz barulho com o saco. Não apareceu. Não apareceria.

— Eu podia tentar arrumar essa zona, comprar, sei lá,

Sementes

Minha insulina tinha chegado no posto. Logo que recebi a mensagem fui buscar. Era sempre uma novela conseguir a medicação. Até eu começar a pagar uma enfermeira por fora e ela me avisar quando chegava. Só precisava ir lá buscar rápido, assim eu sempre conseguia quando tinha. Eu sei que não é legal. Na volta, descii da lotação e passei no mercadinho do seu Francisco pra me animar com uma laranja ou uma manga. Mas não tinha mais muita coisa.

— Não tem, Regina. Tá difícil de chegar, eles vendem tudo pra empresa de refeição ou pra esses mercados grandes, pra nós não sobra. Olha aí os tomates que vieram! Por baixo do caixote tava tudo podre. Esses safados da Agrotech atiram as caixa e saem correndo! Depois ficam mandando opção de crédito. Eu tô infunerado em dívida. Porque é tudo na internet agora, pra pedir as mercadoria, pra pedir crédito, pra pagar e pra reclamar também. Só que daí é aquele vídeo da modelo lá que fica conversando como se a gente fosse trouxa de acreditar que é ela mesma que fica falando.

— Sei como é.

— Falaram tanto de comunismo, que não ia ter nada pra gente comer, que seria que nem Cuba, tu já foi pra Cuba? — balancei a cabeça em negativa — Nem eu! E nem vou poder ir lá ver se é como eles falavam, mas olha, agora eu sei como é não ter porcaria nenhuma. Eles entregam o que eles querem, o que eles têm. Acho

*image
not
available*

— Ocuparam aqueles imóveis embargados que a prefeitura nunca tomou nem pagou nem derrubou, sabe? Da antiga fábrica de botão.

— Que ideia. Lá em São Chico eu tenho casa, tenho plantação escondida. Não dá pra bobear. Nossos vizinhos lá jogaram veneno nas maçãs. Ficaram lindas, Regina. Mas é a morte. Agora tão vendendo bem no supermercado. Não tem mais jeito, é isso que tem que fazer. Os preços aqui a gente não consegue. Vai fazer direito, não dá. O triste é que todo dia aparece alguém com dinheiro querendo comprar as terras. E todo dia aparece alguém pedindo alguma coisa pra comer. A gente não vende as terras. A gente sempre dá uma coisinha. Mas, se for dar pra todo mundo que passa pedindo, eu vou te contar, Regina, não sobra pra vender. E a gente continua aqui, mas, não sei por quê, as pessoas também não podem pagar. O que que adianta? Fica um teatro.

Botei as laranjas na balança e encarei o homem velho. Há anos comprávamos ali. Era um mercadinho do tamanho de uma garagem, sempre cheio. Cheio de gente e cheio de frutas, verduras, folhas, queijos, embutidos caseiros, massas, caldos, cogumelos que eles colhiam, entre outras mercadorias de conveniência. Agora estava realmente vazio. O refrigerador onde ficavam as folhas e os temperos tinha sido ocupado pelos refrigerantes. Os caixotes variados, coloridos e sempre abarrotados, agora eram poucos e se empilhavam vazios pelos cantos. Seu Francisco pegou o tablet.

— Pera um pouco que tá atualizando a tabela dos preços. Dá vinte e três.

Três laranjas.

— Vinte e três, seu Francisco? Na semana passada eu levei laranja e tava doze, dez!

— Mas aumentou, Regina. Olha aqui.

Ele me mostrou a tabela na tela rachada do dispositivo.

— Eu vou levar só uma então.

— Essa? Tá, pera, deixa eu pesar... nove. Leva duas por dez. Deixa, ninguém vai morrer de fome. É isso, a bolachinha, o pão e a margarina, certo?

Nenhum de nós dois estava morrendo de fome, acho. Meu corpo era eloquente em dizer que não havia fome ali. Era o que as pessoas viam.

— Obrigada, seu Francisco.

— Que nada, a gente se ajuda. É como disse o meu cunhado, tem que se ajudar e olhar pelo lado bom. Pelo menos a gente perde a pança, né, Regina, se come menos. Vou te contar...

Seu Francisco deu uma risada meio lenta e bateu na barriga, que realmente tinha diminuído nos últimos meses. Bati na minha. Estava lá ainda. Firme. Firme mesmo. Nunca fui mole. Grande e firme. Andei até a esquina, depois lembrei de perguntar uma coisa e voltei. Seu Francisco brigava com a assistente virtual no tablet.

— Tem semente essa aqui?

— Ih, acho que não. Nada tem semente mais. Tem que ir no mato pra conseguir com semente.

Baixei a cabeça. Seu Francisco perguntou.

— Cadê a Denise e a Eugênia, que não aparecem mais aqui?

Ergui os ombros e fiz uma careta de quem não quer se comprometer.

Andei até em casa. Fazia algum tempo que eu vinha reparando que nada mais tinha semente e que, quando tinha, não vingava. Ao chegar perto de uma rua pela qual eu sempre passava, reparei na guarita nova e no novo “segurança”. Antes mesmo que eu me aproximasse, ele saiu da casinha e ficou me olhando. Parei. Acendi um cigarro. Olhei o céu e voltei um pouco para pegar a rua de baixo. Eu fora de topar com esses chapas novos. Em alguns bairros, os

próprios moradores se revezavam nas guaritas. Era o caso do meu bairro. Eu nunca me envolvi. Acho tosco demais. A Eugênia e a Denise se envolviam, achavam necessário. Porque, segundo a maioria esmagadora, nós éramos responsáveis pelo bem-estar da nossa comunidade. Era engraçada a implementação dessa lógica àquela altura do desastre. Não se tratava de nada novo e já não visto um milhão de vezes com outros nomes, mas agora tinha virado o discurso oficial dos empreendimentos coletivos. Sempre fui ranzinza demais para esse tipo de coletividade. Se quisessem recuperar uma praça, fazer uma horta, eu participaria, mas pintar escola que não tinha nem professor e fazer a ronda pra intimidar gente conhecida me pareciam coisas bizarras. Encontrei Denise na frente da guarita, conversando sobre pistolas e pisos de lajota. Tudo parecia uma caricatura. Eu era ranzinza demais para pistolas, pisos e papos ridículos. Fui passando reto.

No bairro da dona Norma não tinha guarita ainda, só uma espécie de barricada com os contêineres de lixo e uns cavaletes. As pessoas ficavam na rua e isso ao menos me lembrava um pouco da dinâmica do nosso bairro quando eu era pequena. Mas a casa não me trazia nenhuma lembrança, aliás eu nunca tinha estado num lugar tão precário. Talvez fosse um aviso. Quando passei pela Denise dei um beijo, mas não parei. Não gostava de encontrá-la nessas situações que me obrigavam a vê-la de verdade. Ela disse que faria uma janta e que era pra eu ir, que a Aline tinha uma coisa importante pra dizer. Voltei pra casa com a sensação de que poderia ter feito algo de bom no meu dia, mas não sabia o quê, alguma coisa relevante, que fosse mudar a bosta do mundo, ou do mundo de alguém, ao menos. Queria ter trazido dona Norma para morar comigo.

Que ideia

A menina fazia perguntas descabidas. A mãe respondia que não poderiam ir ao circo naquele dia e que não, ela não tinha idade para ir sozinha. A menina insistiu. Uma trupe de esquisitos passara mais cedo pela rua, gritando sobre a novidade, anunciando as atrações maravilhosas, o espetáculo fantástico. Os olhos da menina brilhavam. Acabaram indo uns dias depois. A menina ficou meses, talvez tenha sido quase um ano, falando dos malabaristas, da lona, dos bancos, e repetia palavras como picadeiro, acrobatas, saltimbancos e contorcionista. Havia um show separado, ao lado do carrossel, e a mãe aconselhou que ela escolhesse. A menina parou diante de uma lona armada com a foto de uma mulher de um lado e de um gorila do outro. Sua cabeça subiu um pouco, até que ela pudesse ler: Monga. Ela escolheu o carrossel. Mas, a cada volta que dava no cavalinho esverdeado e carcomido, sua cabeça se virava e ela tinha mais certeza do arrependimento. Monga. Em casa a menina fazia perguntas descabidas. A mãe respondia que não poderiam ir ao circo novamente, porque eles já tinham deixado a cidade.

A Monga também?

Sim.

E a gente não pode procurar ela em outra cidade?

Não.

E a gente pode ir de novo quando eles voltarem?

Talvez.

O que é uma Monga?
Uma mulher selvagem.
O que é selvagem?
Um bicho.
Uma mulher que é um bicho?
É.
Seus olhos pegaram fogo.
Eu posso ser Monga um dia?